

OS IMPACTOS DAS TARIFAS NA DINÂMICA DAS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS: UMA ANÁLISE PRELIMINAR DE 2025

AUTORIA

Raíssa Gonçalves Stroppa
Departamento de Economia-
UEM (PIBIC/FA), Brasil
ra139164@uem.br

Gilberto Joaquim Fraga
Departamento de Economia-
UEM, Brasil
gjfraga@uem.br

PALAVRAS-CHAVE

Tarifas;
Exportações;
Comércio Internacional;

KEYWORDS

Tariffs;
Exportation;
International Trade.

JEL CODE

F11, F14.

ÁREA

Área 3 - Economia Internacional

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo a analisar os efeitos iniciais do chamado “tarifaço” imposto pelos Estados Unidos sobre as exportações brasileiras. Para tanto, utilizar-se análise de estatística descritiva, para analisar os dados das exportações brasileiras tanto em nível de dois dígitos do sistema harmonizado quando ao nível de seção (21 seções), o período será de janeiro até agosto de 2025 vis-à-vis janeiro a agosto de 2024. Os resultados indicam que os efeitos setoriais são heterogêneos tanto em nível do sistema harmonizado quanto via agregação por seções. Sendo que alguns setores registraram aumentos em valores monetários, mas o quantum exportado registrou queda, principalmente no período que seguiu o anúncio oficial do nível das novas tarifas.

ABSTRACT

This study aims to analyze the initial effects of the so-called “tariff hike” imposed by the United States on Brazilian exports. To this end, descriptive statistical analysis will be used to examine Brazilian export data both at the two-digit level of the harmonized system and at the section level (21 sections). The period considered will be from January to August 2025 compared to January to August 2024. The results indicate that sectoral effects are heterogeneous both at the harmonized system level and when aggregated by sections. Some sectors recorded increases in monetary values, but the exported quantity declined, especially in the period following the official announcement of the new tariff levels.



This paper is Distributed Under
the Terms of the Creative
Commons Attribution 4.0
International License

1 INTRODUÇÃO

A economia brasileira, se destaca no cenário global com a sua grande importância em suas exportações, principalmente de *commodities* agrícolas e minerais, e atualmente, enfrenta desafios relacionados a tarifas comerciais em seu setor externo impostas pelos Estados Unidos da América (EUA). As tarifas por representarem um “imposto (t)” no comércio internacional, como se fosse um aumento nos custos das transações, como destaca por exemplo, Krugman et al. (2015), Por outro lado, as tarifas atuam também como uma proteção doméstica que a impõe e, portanto, é uma ferramenta de política externa. Sua aplicação causa impactos nos fluxos comerciais e nos preços aos consumidores internamente.

Por meio dos dados da ComexStat (2025) pode-se observar que em nível agregado não houve tanta oscilação quando se compara 2025 com o ano de 2024 no mesmo período, no entanto, o valor agregado esconde a heterogeneidade setorial importante. Por exemplo, o setor de produtos minerais e derivados que registrou uma queda de 13% neste período. Já o setor de café, chá, mate e especiarias (Sistema Harmonizado – SH 09) que em 2024 ocupava um *market share* de 5.4% em 2025 registrou uma queda para 4.1%, sendo que a queda nas quantidades exportadas deste setor foi da ordem de 17% no mês de agosto de 2025 se comparado com agosto de 2024.

Neste contexto, o presente estudo tem como objetivo analisar os efeitos iniciais do chamado “tarifaço” imposto pelos Estados Unidos, governo Trump 2, sobre as exportações brasileiras.

A partir dos resultados neste estudo, espera-se contribuir para futuras análises a respeito das discussões sobre políticas comerciais brasileiras. Já que, muitas vezes, elas possuem certa defasagem temporal. Desde então, ocorreram enormes avanços tecnológicos e empíricos, que transformaram a compreensão sobre as consequências do comércio internacional (Ornelas; Pessoa; Ferraz, 2020). Além disso, atualmente, as discussões públicas sobre o tema muito relevantes considerando as recentes políticas tarifárias impostas pelos Estados Unidos (EUA), e principalmente os efeitos colaterais da guerra comercial EUA-China.

Além desta introdução, este artigo está estruturado como segue: na seção dois apresenta-se a fundamentação teórica; na seção três o método e os dados; na seção quatro são apresentados os resultados; e por fim, são feitas as conclusões.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Inicialmente, para ter um melhor entendimento sobre as tarifas, é significativo compreender os pilares do comércio internacional: o que são as vantagens comparativas e também, sobre o comércio intra-indústria. Por meio de um modelo proposto originalmente pelo economista britânico David Ricardo, que por seguinte, introduziu o conceito de vantagem comparativa (VC) no início do século XIX¹. A teoria

¹ Obra desenvolvida e publicada em *The Principles of Political Economy and Taxation* em 1817.

das vantagens comparativas foi criada como um avanço em relação à ideia anterior de Vantagem Absoluta, de Adam Smith em sua obra ².

A vantagem comparativa, se relaciona com a capacidade de um país produzir certos bens, a partir dos custos de oportunidade, o que pode acabar resultando em *trade-offs* para produção, em termos quantitativos, pode ser maiores ou menores custos de oportunidade nos países em consideração. Consideremos por exemplo dois países: Local e Estrangeiro. Suponha que Local necessite de 2 horas de trabalho para produzir uma unidade de tecido e 6 horas para produzir uma unidade de alimento. Por sua vez, o Estrangeiro requer 4 horas de trabalho para produzir uma unidade de tecido e 4 horas para produzir uma unidade de alimento. Observa-se que Local possui vantagem na produção de tecido, sendo mais eficiente que o Estrangeiro nesse setor. No entanto, essa análise revela a existência de uma vantagem comparativa (Krugman et al., 2015).

Enquanto o comércio norte-sul pode ser bem explicado a partir da teoria das vantagens comparativas, o comércio intra-indústria (CII), de acordo com Krugman et al. (2015) refere-se às trocas comerciais que ocorrem dentro de um mesmo setor produtivo, ou seja, acontecem exportações e importações de produtos semelhantes ou pertencentes à mesma categoria industrial, que pode ser norte-norte ou sul-sul. Essa teoria tornou-se relevante a partir do último quarto do século XX, após intensificarem as trocas de mercadorias intra setoriais. Além disso, esse comércio estimula a modernização industrial ao ter diferenciação de produtos, qualidade e *desing*.

Nesse contexto, a aplicação das tarifas em excesso implica em restrições nas exportações e nas importações, e contradizem os fundamentos teóricos, notadamente os princípios das vantagens comparativa e o comércio intra-indústria. Essa aplicação representa uma intervenção que distorce os mecanismos de mercado e impede a plena realização dos benefícios previstos por essas teorias. O consumidor ao comprar um bem importado que incorre em tarifa irá pagar preço (P) com tarifa (t), ou seja, o preço final será $P_t = P + t$.

O objetivo do presente estudo consiste na análise acerca comparar a dinâmica dos dados das exportações brasileiras entre os anos de 2024 e 2025, com foco de identificar e avaliar os impactos setoriais diferenciados da adoção de uma política comercial protecionista, adição de tarifas, por parte do governo dos Estados Unidos.

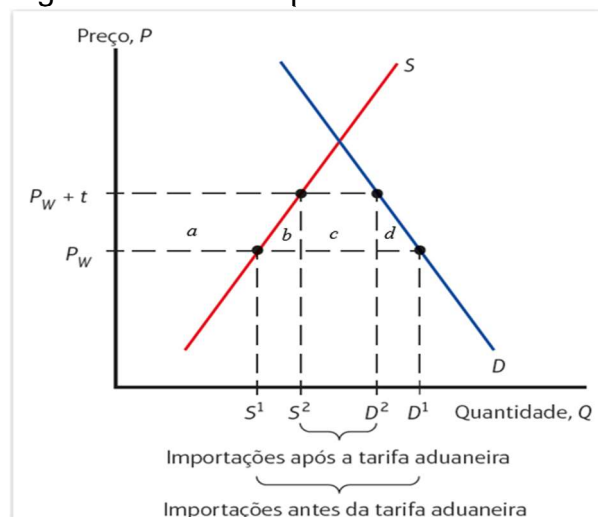
Os impactos de uma tarifa sobre os preços dependente do tamanho econômico e o grau de integração comercial entre o país que adotou a tarifa e o país exportador. Por meio da figura 1, é possível demonstrar os potenciais efeitos sobre os consumidores e bem-estar. A curva S ilustra a oferta doméstica de um bem, enquanto a curva D sua demanda doméstica. O preço w (P_w) é o preço do bem no mercado internacional e o preço t (P_t) é o preço com a imposição de uma tarifa. A tarifa aumenta o preço e diminui a demanda pelo bem estrangeiro. De acordo com Krugman et al. (2015) e Caves et al. (2001), os consumidores reduzem seu consumo do importado devido ao preço mais alto, perdendo bem-estar (área d). E, os recursos são alocados

² Essa teoria afirma que os países devem se especializar-se na produção de bens onde possuem maior eficiência produtiva.

para a produção doméstica, que é menos eficiente do que a produção estrangeira, gerando perda de eficiência na produção (área b). Dessa forma, a soma dos triângulos b e d demonstra a perda total de eficiência. Além disso, a tarifa gera uma receita para o governo (área c) e também ganho aos produtores domésticos, ao venderem mais e a um preço maior.

Os custos das tarifas podem ultrapassar os ganhos gerados por ela. Assim, o impacto de uma tarifa pode ser negativo ou positivo dependendo da capacidade da imposição de tarifa aduaneira do país para diminuir os preços da exportação estrangeira. Quando um país tem pouca capacidade de afetar os preços mundiais por meio de tarifas (chamado de país pequeno), a área e desaparece. Isso significa dizer que a imposição de uma tarifa, no caso de um país pequeno, pode reduzir o bem-estar. Porém, quando o país é grande, e tem alta influência nos preços mundiais, a situação pode ser diferente.

Figura 1 - Efeitos líquidos de uma tarifa sobre o bem-estar



Fonte: Krugman et al. (2015).

2 METODOLOGIA EMPÍRICA E DADOS

Para alcançar os objetivos na presente pesquisa utiliza-se abordagem de análise estatística descritiva, portanto, neste estudo, procurou-se analisar as exportações no período entre os anos de 2024 a 2025. Os dados utilizados para o desenvolvimento desta pesquisa foram coletados no banco de dados disponibilizado pelo ComexStat da Secretaria de Comércio Exterior (SECEX) do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior do Brasil (MDIC).

Para seu desenvolvimento, foi realizado um recorte temporal definido que abrange o período de janeiro de 2024 a agosto de 2025, com a finalidade de capturar as informações mais recentes disponíveis sobre o desempenho exportador. Para tanto, compara-se a dinâmica de janeiro a agosto de 2025 com o mesmo período de 2024. Isso porque houve mudanças na política tarifária norte americana iniciaram no começo do governo “Trump 2”. Esse processo metodológico envolveu inicialmente a

coleta dos dados brutos por meio dos filtros do portal para exportações em dólares (US\$) por valor FOB (*free on board*), capítulos do sistema harmonizado (Sh2) e seção, seguindo a classificação padrão de 21 seções.

3 RESULTADOS

Nesta seção são apresentados os principais resultados das variações das exportações brasileiras comparando os oito primeiros meses de 2025 com o mesmo período de 2024. Desta forma, busca-se verificar as variações imediatas que resultaram dos efeitos do “tarifaço”. A seguir apresentam-se as variações na tabela 1, que compara a participação percentual dos 15 principais setores das exportações brasileiras entre 2024 e 2025. O objetivo é evidenciar os impactos, a partir da variação na representatividade de cada setor.

Tabela 1 – Exportações Brasil x EUA: Participação percentual dos 15 principais setores.

PRODUTOS (SH2)	2024 (%)	2025 (%)	DIFERENÇA (p.p)
Combustíveis	21,0%	17,9%	-3,1
Ferro e Aço	15,8%	14,8%	-1,0
Equipamentos Mecânicos	9,0%	8,2%	-0,8
Aeronaves e Espaciais	5,0%	5,5%	0,5
Papel e Celulose	4,2%	3,5%	-0,7
Café e Chá	4,1%	5,4%	1,3
Madeira e Carvão Vegetal	4,0%	3,8%	-0,2
Eletrônicos	3,4%	4,1%	0,7
Conservas de Hortifruti	2,6%	3,9%	1,3
Produtos Químicos Inorgânicos	2,0%	2,6%	0,6
Carnes	2,0%	3,5%	1,5
Materiais de Construção	1,9%	2,3%	0,3
Veículos e Peças	1,7%	1,5%	-0,2
Açúcares e Confeitaria	1,7%	0,8%	-0,9
Químicos Orgânicos	1,2%	0,8%	-0,3

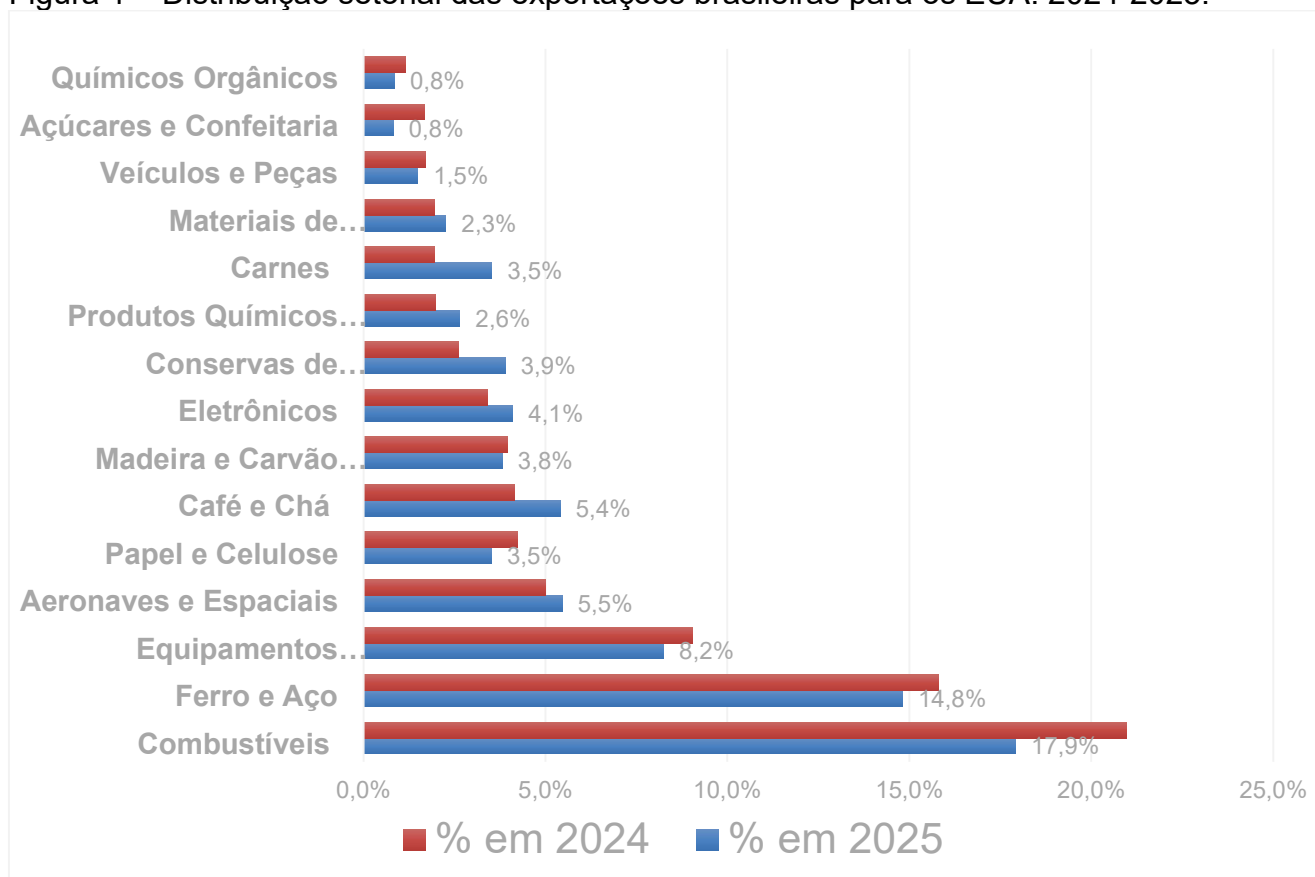
Fonte: Elaboração própria, a partir dos dados da *ComexStat* (2025).

Com base nos dados da Tabela 1, observa-se que, apesar de ser um segmento de maior representatividade, o setor de Combustíveis registrou uma contração, saindo de um *market share* de 21,0% em 2024 para 17,9% em 2025, representando um declínio com -3,1 pontos percentuais (p.p). Tendência semelhante de retração em outros produtos como o Ferro e aço (queda de -1,0 ponto percentual) e Papel e celulose, com redução de -0,7 p.p., pode-se observar que 53,3% destes 15 setores registraram queda, também, deve-se destacar que esses setores são reesponsáveis por aproximadamente 80% das exportações brasileiras para os Estados Unidos. Em contrapartida, evidencia-se um dinamismo crescente em setores vinculados ao agronegócio. Destacam-se, nesse contexto, os ganhos de Carnes e Conserva de

Hortifruti, que avançaram 1,5% e 1,3% pontos percentuais. O setor de Café e Chá registrou um aumento de 1,3, assim como os demais setores de Eletrônicos (aumento de 0,7 p.p), Produtos Químicos Inorgânicos (aumento de 0,6 p.p) e Aeronaves e Espaciais (aumento de 0,5 p.p).

Por fim a figura 1 a seguir, evidencia as variações na participação dos principais setores exportadores do Brasil.

Figura 1 – Distribuição setorial das exportações brasileiras para os EUA. 2024-2025.



Fonte: Elaboração própria, a partir dos dados da *ComexStat* (2025).

Como base nos resultados preliminares pode-se constatar que os efeitos são heterogêneos em termos de variações setoriais, portanto, como política pública o governo brasileiro deve atuar com medidas diferentes conforme a demanda/necessidade de cada setor.

CONCLUSÕES

Esse estudo buscou analisar os efeitos de curto prazo que o tarifaço norte americano causou sobre as exportações brasileiras. Para alcançar o objetivo, buscou-se realizar análise descritiva qualitativa a partir dos dados setoriais das exportações no período 2024-2025.

A transição observada na pauta das exportações brasileiras para os Estados Unidos, caracterizada pelas diversificações de produtos alimentícios e itens industriais, como por exemplo, aviões em detrimento de commodities tradicionais. Ademais, persiste o risco de uma lenta recuperação da pauta exportadora, dado que o crescimento do agronegócio mantém a economia ancorada em recursos naturais, mas que pode demorar para buscar mercados alternativos, ainda que com maior processamento. Assim, a análise do impacto do tarifaço, ainda que preliminar, mostra os primeiros efeitos de uma política comercial restritiva importa por um importante parceiro internacional.

O impacto deste fenômeno não se distribui de maneira homogênea, sendo particularmente agudo em regiões cuja economia apresenta uma especialização pronunciada nestes setores, onde a dependência é tal que se podem formar desemprego localizado e persistente. Esta dinâmica setorial específica, portanto, atua como um vetor de pressão sobre o mercado de trabalho, introduzindo um desafio que transcende a mera flutuação cíclica. Como sequência natural nesta área de pesquisa, os estudos futuros devem buscar os pormenores das exportações não só dos setores, mas também, como esses efeitos estão distribuídos entre os estados brasileiros.

REFERÊNCIAS

CAVES, R. E.; FRANKEL, J. A.; JONES, R. W. **Economia Internacional: comércio e transações globais**. Saraiva, 2001.

KRUGMAN, P. R.; OBSTFELD, M.; MELITZ, M. J. **International trade: theory and policy**. Boston: Pearson, 2015.

ORNELAS, E.; JOÃO PAULO PESSOA; FERRAZ, L. **Política comercial no Brasil: Causas e consequências do nosso isolamento**. São Paulo: BEI, 2020.

RICARDO, D. **Princípios de Economia Política e Tributação**. Tradução: Paulo H. R. Sandroni. 4. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1996. 11 p.

SECRETARIA DE COMÉRCIO EXTERIOR (COMEXSTAT). **Estatísticas do comércio exterior**. 2025. Disponível em: <https://comexstat.mdic.gov.br/>, acesso em 01/10/2025.

